



A IMPORTÂNCIA DA INCREMENTAÇÃO DA ARTE NO ENSINO DE ANFÍBIOS.

Samarina Fernandes de Oliveira

Luis Romário da Silva Santos

Rafaella Nadjá Soares da Silva

Resumo

Esse artigo tem como objetivo de mostrar qual a influência da utilização da arte além de uma ferramenta didática, a arte como aliada no ensino de ciências no processo de ensino- aprendizagem. Refere-se a uma sequência didática realizada na escola Padre Nicolau Pimentel localizado no município de Feira Nova- PE. Utilizamos uma abordagem qualitativa resultante de uma metodologia ativa no processo de ensino-aprendizagem do conteúdo de anfíbios.

Palavras chaves: Ciências. Arte. Anfíbios e motivação.

Abstract

This article aims to show the influence of the use of art as well as a didactic tool, art as an ally in the teaching of science in the teaching-learning process. Refers to a didactic sequence carried out at the Padre Nicolau Pimentel school located in the municipality of Feira Nova-PE. We used a qualitative approach resulting from an active methodology in the teaching-learning process of amphibian Content.

Keywords: Sciences. Art. Amphibians and motivation.

Introdução

No ano de 1971 a LDB (Lei de diretrizes e base da educação) constituiu a lei Nº 5.692 que estabelece a disciplina de ciências como caráter obrigatório para o ensino fundamental. Quando surgiu essa lei o cenário era representado pelo ensino tradicional, onde o professor transmitia os conteúdos acumulados pela humanidade e os alunos reproduziam as informações atuando de forma passiva no processo de ensino e aprendizagem. Ao longo dos anos surgiram bastante propostas visando a renovação do ensino de ciências, demandas geradas pelas influencias do movimento de escola nova. Sobre essa perspectiva as aulas tradicionais expositivas deram lugar às aulas investigativas, explorando os conteúdos através de aulas práticas, que se tornaram uma importante ferramenta didática promovendo uma compreensão ativa dos conceitos (BRASIL, 1998, p. 19-21).



Ao longo dos anos surgiram várias contribuições científicas para o ensino de ciências. Contudo, atualmente, apesar de tais contribuições dentro da concepção de ensino e aprendizagem de qualidade, muitos alunos ainda acreditam que os deveres referentes à educação são considerados bastante trabalhosos e só os desenvolvem por influências externas, pressões de familiares ou sociedade na tentativa de garantir um futuro profissional. O desinteresse dos alunos pelos conteúdos de ciências tornou-se algo comum, enquanto a motivação e interesse são virtudes raras de encontrar (LABURÚ, 2006, p. 383).

Neste sentido nós como professores nos perguntamos, quais as estratégias podemos realizar a fim de estimular o interesse, ativar a curiosidade para que eles possam desenvolver suas criatividade durante as aulas de ciências? Ao longo da história vários levantamentos revelam que seres humanos sempre utilizam a arte como forma de expressão, com isso percebemos que tanto a ciências quanto a arte são artifícios criados pelo homem para representar o mundo. (OLIVEIRA, et al, p. 2).

Sobre essa perspectiva esse artigo tem como objetivo demonstrar qual a influência da utilização da arte além de uma ferramenta didática, a arte como aliada no ensino de ciências (Ferreira, 2012, p. 10), no processo de ensino-aprendizagem.

A busca pela motivação

Atualmente nossas mentes estão sendo bombardeada por inúmeras informações simultaneamente, podemos acessar todo tipo de conteúdo de qualquer assunto através de um “clic”. Esse fácil acesso a informação impede as pessoas de manter o foco em um determinado conteúdo. É extremamente fácil provar que somos máquinas de infinitos pensamentos desordenados, pare durante 10 minutos e enumere quantos pensamentos surgiram na sua mente, o número é assustador. Com os alunos a situação não é diferente. Atrair a atenção dos alunos para os conteúdos de ciências se tornou uma tarefa árdua para grande parte dos professores.



Em contrapartida, Menezes (2008) afirma que a ciência é recheada de conteúdos interessantes e cativantes, como, o brilho das estrelas, interação dos seres na biosfera, evolução das espécies, animais venenosos e até mesmo clonagem de organismos. Tais conteúdos podem vir a interessar, motivar e até envolver os alunos, desde que seja seu objetivo. Segundo Lima, et al os alunos de ciências se encontram desmotivados pela ausência de aulas dinâmicas, aulas que correlacione os assuntos trabalhados com sua vivências cotidianas, aulas divertidas e prazerosas. Com essas considerações nos deparamos com a seguinte questão: de quem é a responsabilidade da desmotivação pelo ensino de ciências, dos alunos que não demonstram interesse pela matéria ou do professor que não utiliza estratégias didáticas afim de garantir a atenção de seus alunos? (LABURÚ, 2006, p. 384)

Ao longo da minha vida aprendi que, eu enquanto indivíduo tenho o poder de mudar o mundo, percebi também que posso transformar apenas aquilo que está ao meu alcance. Enquanto que as variáveis que não consigo interferir não me pertencem. Sabendo disso, como professora me diz respeito à responsabilidade da desmotivação dos alunos pelo ensino de ciências, me comprometo a proporcionar aulas dinâmicas onde os alunos sejam ativos na construção do conhecimento. Pois segundo Menezes (2008), os jovens só compreendem ciências quando se interessam pela mesma e não se interessam por ela apenas porque tem que aprender.

Ciências e artes, o equilíbrio entre a razão e emoção

No século XVI teve início a revolução científica, onde a racionalidade científica passou a explicar tudo através de seu discurso “neutro”, racional e independente, enquanto a arte por sua vez incorpora a subjetividade, a sensibilidade, além de considerar a cultura e o julgamento individual. A partir desse ponto de vista foi disseminada erroneamente a ideia de que a arte e as ciências são campos de conhecimento opostos e inconciliáveis (Ferreira, 2010, p. 263)

De acordo com Santana (2009), A imaginação e a razão não são, necessariamente, interdependentes, entretanto quando se busca o conhecimento ou na tentativa de construção da realidade, são virtudes que estarão sempre interagindo. Podemos ter acesso ao conhecimento através de duas vias, a primeira pela razão voltado ao conteúdo do mundo físico, criador de



realidades comprovadas. A segunda pelo meio da imaginação atenta no que diz respeito ao espírito estabelecendo possíveis realidades. Não se trata de desvalorizar a razão científica ou de apreciar o pensamento artístico, mas só identificando seus aspectos podemos designar estratégias pedagógicas que ampliem a capacidade criativa dos alunos. Sobre essa perspectiva utilizar a arte como aliada no ensino de ciências, é bastante benéfico pois ela amplia a criatividade e a percepção, enriquecendo o ensino. Assim como a imaginação e a criatividade, a intuição é imprescindível nas aulas de ciências e artes, pois ela articula informações da sensibilidade, da imaginação como também produz um conhecimento intelectual que se baseia no princípio da razão. (Ferreira, 2010, p. 277).

Metodologia

O artigo presente refere-se a uma sequência didática realizada na escola Padre Nicolau Pimentel, localizada no município de Feira Nova- PE. Utilizamos uma abordagem qualitativa resultante de uma metodologia ativa no processo de ensino-aprendizagem do conteúdo de anfíbios. Contudo se trata de uma pesquisa de campo com carácter exploratório, pois resulta de dados primário do fato analisado.

A presente pesquisa foi realizada com os alunos do 7º ano do ensino fundamental, executamos uma sequência de três horas aulas para desenvolver o conteúdo de anfíbios. Empregamos a arte como atividade diagnóstica a respeito do tema utilizando o conhecimento prévio dos alunos sobre os anfíbios. Segundo Ribeiro (1999) essa avaliação tenta estabelecer a relação, onde as aprendizagens anteriores servem de base para os conteúdos e estão por vir. Eles receberam lápis de colorir e folhas de papel para representar um anfíbio a partir de suas perspectivas. A partir de então iniciamos um diálogo com a turma para saber quais as suas experiências com esse grupo de animais. Na aula seguinte vimos o que a ciência diz a respeito dos anfíbios. Com auxílio dos modelos didáticos de anfíbios enfatizando as diferenças entre a rã, o sapo e a perereca. Após a análise de toda morfologia, fisiologia, ecologia e reprodução dos



anfíbios, solicitamos que os alunos representassem um anfíbio, porém agora em forma de escultura utilizando o biscuit como material de modelagem.

Resultados e Discussão

Os principais resultados obtidos consistem em uma grande participação dos alunos em fazer o que eles acreditam está correto, houve vários desenhos magníficos, que muitas vezes não eram um anfíbio, podendo ser uma borboleta, um peixe ou uma minhoca, mas que naquele momento para eles aquilo era sim um anfíbio percebemos certa empolgação dos alunos e apenas observamos. Contudo uma grande parcela de alunos utilizou o livro didático para consultar o que seria um anfíbio e o desenhou. Como resultados fui presenteada com lindas obras de artes.

Ao longo da exposição do conteúdo na maior parte do tempo estava questionando os alunos a respeito do tema, com perguntas como o que é um anfíbio? Quem já viu um anfíbio, quais são suas características? Como identificar um anfíbio venenoso? E a partir das colocações dos alunos desenvolvemos o tema, porquanto como afirma Trópia e Caldeira (2009) o ensino de biologia deve considerar que a assimilação do conhecimento científico está contida a um contexto da apropriação em que os alunos dão significados a este conhecimento. Assim devemos articular o conhecimento científico com a realidade do aluno, fazendo-o compreender e existe uma forma de dar sentido e significados as coisas.

Por fim como atividade de fixação os alunos modelaram com biscuit um anfíbio a partir de suas considerações através dos tópicos discutidos em aula. Percebemos durante o processo que através do trabalho manual os alunos tiveram a liberdade de expor sua criatividade e ser protagonista de construção do conhecimento, pois como ressalta Mendonça e Santos (2011) a construção de modelos possibilita trabalhar a interatividade e raciocínio dos estudantes exercitando a mente de uma forma lúdica de assimilar novos conhecimentos. Ao fim da atividade podemos perceber através da fala dos alunos, que os nossos objetivos foram alcançados: *“Existe vários tipos de*



anfíbios, eu pensei que fosse tudo sapo. ” “Que aula diferente, bateu saudades do tempo em que a gente se divertia pintando e brincando com massa de modelar nas aulas”.

Considerações Finais

Consideramos que a arte é uma ótima aliada do ensino de ciências, possibilitando a liberdade de expressão e estimulando a criatividade através da intuição, imaginação e a racionalidade. Percebemos com as aulas que quando os alunos são ativos na construção do conhecimento promove maior interesse dos mesmos pelo tema. Sabendo dos resultados desse artigo reafirmo sobre a perspectiva de Ferreira (2010), “ que o Professor que se aventura não deve ter receio de quão diferentes serão os seus encontros na terra incógnita ou dentro da perspectiva de trazer a arte para uma dança com a ciências”.

Referências

BRASIL. MINISTÈRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. **Parâmetros curriculares nacionais**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação fundamental: Brasília (DF), 1998.

FERREIRA, R. F. **Ciência e arte: investigações sobre identidades, diferenças e diálogos**. Educação e pesquisa, São Paulo, v.36, nº.1, p.261-280, abr. 2010

FERREIRA, R. F. **Arte: aliada ou instrumento de ensino de ciências?** Revista Arredia, Dourados – MG, v.1, nº.1, dez. 2012.

LABURÚ, E. C. e SANTOS, O. W. M. **Fundamentos para um experimento cativante**. Cad. Bras. Ens. Fís, Londrina – PR, v. 23, n. 3, p. 382-404, dez. 2006.

LIMA, L.E., SILVA, P. P., ARAUJO, F. L. M. **Desafio do ensino – aprendizagem de ciências: a (des)motivação em foco**. No prelo.

MENDONÇA, O. C. **Modelos didáticos para o ensino de ciências e biologia: aparelho reprodutor feminino da fecundação a nidação**. V Colóquio internacional “educação e contemporaneidade”, São Cristovão – CE, Setembro, 2011.

MENEZES, C. L. **Interessar, motivar criar – três estratégias para o ensino de ciências**. Ciência em tela, São Paulo, v.1, nº.1, 2008.



OLIVEIRA, F. D., ROCQUE, R. L., JORGE, A. C. T. e MEIRELLES, S. M. R. **Ciência e arte: uma proposta de aprendizagem no âmbito do ensino de biociências e saúde. No prelo.**

RIBEIRO, L. C. (1999) **A Avaliação da aprendizagem.** Educação Hoje. Lisboa: Texto Editora

SANTANA, R. O. E. **Arte e Ciência.** Sititentibus, Feira de Santana, n.40, p. 97-122, jun. 2009.

TRÓPIA, G., CALDEIRA, D. A. **Imaginário dos alunos sobre a atividade científica: reflexões a parti do ensino por investigação em salas de aulas.** R. B. E. C. T., vol 2, num 2, p. 17-31, ago. 2009.